



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 287-297, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

---

## TRANSTORNO Opositor DISRUPTIVO E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM COM ALUNOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SINOP<sup>1</sup>

### OPPOSITIONAL DISRUPTIVE DISORDER AND ITS IMPLICATIONS IN LEARNING OF STUDENTS FROM MUNICIPALLY-RUN PUBLIC SCHOOLS IN SINOP

Letícia Cristina de Souza Blasius

#### RESUMO

Este artigo propõe analisar as dificuldades enfrentadas por alunos do Ensino fundamental com o Transtorno Opositor Disruptivo no processo de ensino aprendizagem, tendo como referencial o autor Gustavo Teixeira. A pesquisa foi realizada em escolas da Rede Municipal de Sinop, Mato Grosso, com professores, coordenadoras e a mãe do aluno diagnosticado com o transtorno, por meio da pesquisa qualitativa, sendo aplicado a estes questionários semiestruturados. Concluiu-se que crianças com este transtorno pode apresentar comportamento e aprendizagem diferentes em determinadas disciplinas.

**Palavras-chave:** Transtorno Opositor Disruptivo. Comportamento. Aprendizagem.

#### ABSTRACT<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **TRANSTORNO Opositor DISRUPTIVO E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM COM ALUNOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SINOP**, sob a orientação da Ma. Ademilde Aparecida Gabriel Kato, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, 2019/2.

<sup>2</sup> Resumo traduzido pela Professora Mestre Betsemens B. de Souza Marcelino, Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestra em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá- 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

This article proposes to analyze difficulties in teaching-learning process faced by students from Elementary School who have Oppositional Disruptive Disorder, having as reference the author Gustavo Teixeira. The research was carried out in schools that belong to the municipally-run public schools of Sinop, Mato Grosso State, with teachers, supervisors and the mother of a student diagnosed with this disorder. It was a qualitative research that used the application of semistructured questionnaires to those subjects involved. It was concluded that children with Oppositional Disruptive Disorder may present different behaviors and learning depending on the school subject.

**Keywords:** Oppositional Disruptive Disorder. Behavior. Learning.

Correspondência:

**Leticia Cristina de Souza Blasius.** Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [leeh2209@outlook.com.br](mailto:leeh2209@outlook.com.br)

Recebido em: 27 de agosto de 2020.

Aprovado em: 2 de setembro de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4127/2788>

## 1 INTRODUÇÃO

Para Teixeira (2017, p. 20-21), “é importante ressaltar que o Transtorno Opositor Disruptivo é muito mais do que aquela “birra” ou desafio típico de uma criança, que seria, na verdade, uma simples reação contextual de oposição, por exemplo, quando a criança deseja um sorvete e não é atendida pela mãe”.

As causas do Transtorno Opositor Disruptivo são complexas e multifatoriais, podendo estar relacionadas a fatores sociais, psicológicos e biológicos, sendo imprescindível o entendimento das causas do transtorno para uma intervenção precoce, por isso a necessidade do diagnóstico ser realizado o quanto antes. Pois, dependendo do grau de evolução do quadro sintomático as chances de sucesso terapêutico diminuem muito.

Deste modo, como objetivo principal, buscamos conhecer o transtorno e as dificuldades enfrentadas no processo de ensino aprendizagem pelo aluno do Ensino Fundamental acometido por esta especificidade. Tendo como metodologia para a realização desta investigação, a pesquisa qualitativa, utilizando de questionários semiestruturados aplicados a professores, coordenadoras e a mãe de um aluno com o TOD.

## **2 CAMINHOS DA PESQUISA**

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, ou seja, aquela que segundo Triviños (1987, p. 111), tem como objetivo fornecer o conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada que os resultados atingidos podem permitir formular hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas. Proporcionando ainda ao pesquisador, maior conhecimento, raciocínio e interatividade com sua pesquisa.

Os dados foram coletados por meio de questionários com perguntas semiestruturadas direcionadas a cada grupo de participante, suas respostas foram analisadas com base nos fundamentos construídos no estudo privilegiando especialistas no assunto.

Este estudo foi realizado em duas instituições escolares da rede municipal, na cidade de Sinop-MT, com alunos diagnosticados com TOD, tendo como participantes cinco professores do Ensino Fundamental, sendo dois de Educação Física (PF1, PF2), um professor de Matemática (PM), uma professora de Língua Portuguesa (PLP), duas coordenadoras (CO1, CO2) e a mãe (M) de um aluno com o TOD.

## **3. TRANSTORNO Opositor Disruptivo e suas implicações no processo de aprendizagem**

Consideramos o ambiente escolar um espaço social no qual os alunos convivem, compartilham histórias de vida e constroem conhecimentos fundamentais para a sua formação e convívio social. Com relação às obrigações da Instituição escolar, Camilo (2015, p. 215) nos mostra que esta deve:

[...] proporcionar uma educação inclusiva, refletir acerca do que deve fazer para melhorar a educação como um todo e construir mecanismos para incluir todo cidadão que precisa da escola. A construção destes mecanismos passa pela construção do currículo.

Desta forma, o Currículo da escola deve estar orientado de modo a integrar todas as especificidades existentes na Instituição, assim, incluindo também os alunos com TOD.

Ressalta Teixeira (2014), que o TOD pode comprometer a aprendizagem do aluno embora tenha grande potencial intelectual, pois a socialização é de fundamental importância nas interações e atividades colaborativas. Geralmente essas crianças não participam de atividades em grupo e se recusam a pedir ou aceitar ajuda tanto dos professores quanto dos colegas.

O fato desse aluno não ficar quieto, não assumir responsabilidades com deveres escolares e não ter concentração para realização das atividades, faz com que o mesmo tenha seu progresso e rendimento escolar prejudicado, causando danos aos professores e colegas de classe devido seu comportamento e crises. Contudo, de acordo com Ballone e Moura (2008, p. 2):

Erram alguns professores menos avisados ao considerar que todas as crianças devem sentir e reagir da mesma maneira aos estímulos e as situações, ou que é pior, acreditar que submetendo indistintamente todos os alunos as mais diversas situações, quaisquer dificuldades adaptativas, sensibilidade afetiva, traços de retraimento e introversão se corrigiam diante desse “desafio” ou diante da possibilidade do ridículo. Na realidade podem piorar muito o sentimento de inferioridade ao ponto da criança não mais querer frequentar aquela classe ou, em casos mais graves, não querer ir mais para a escola.

Os mestres sem ter o devido conhecimento dos sintomas e do que o aluno(a) tenha, acabam tomando atitudes que podem gerar um trauma nessa criança, causando a evasão da mesma da sala de aula e até mesmo da escola. Sendo mais indicado que, quando observado a mudança no comportamento do aluno, o professor comunique a coordenação e assim em seguida os pais sejam informados dos fatos, o diagnóstico é primordial para que os pais e a escola saibam quais estratégias adotar para ajudar essa criança.

Estabelecer regras de forma clara e objetiva a esse aluno é um outro ponto de intervenção importante a ser praticado durante as aulas e atividades dentro e fora da

sala de aula. Ter uma comunicação através de falas harmoniosas e afetivas também são atitudes necessárias a serem construídas com esse aluno. Ganhando assim, a confiança dessa criança para que ela possa expor seus medos e dificuldades a serem eliminados com o passar do tempo.

#### **4 TRANSTORNO Opositor Disruptivo e suas implicações na vida do aluno na escola**

Com o intuito de saber se os alunos com TOD se comportavam de modo diferente em cada disciplina perguntamos aos professores de Educação Física, como era o comportamento destes alunos em suas aulas, considerando que algumas se davam em áreas externas e menos controladas. Os mesmos relatam que:

**(01) PF1:** Como sendo uma atividade onde o que se trata é a parte motora não encontrei dificuldade em inserir o aluno na rotina de alongamentos e prática física.

**(02) PF2:** Tem dificuldades em realizar a atividade da maneira que foi proposta se não gostou da mesma, fazendo oposição ou a realizando de maneira diferente da proposta.

No percurso da entrevista, indagamos se esse aluno desenvolve as atividades dadas em grupo ou somente de forma individual. Qual o comportamento do mesmo nas duas situações?

**(03) PF1:** Participa em todas as atividades, não diferenciando ou sendo diferenciado.

**(04) PF2:** Individualmente desenvolve geralmente de forma tranquila, em duplas ou grupo e preciso geralmente inseri-lo devido os outros alunos preteri-lo.

Percebemos que existem divergências nas respostas dos professores de Educação Física, enquanto um afirma que o aluno com o TOD desenvolve todas as atividades tranquilamente, o outro já cita a necessidade de maior manejo e

adaptação durante a aula prática de Educação Física. É perceptível o fato de que a sociedade foi projetada e formulada para um modelo de homem padrão, que seja de preferência “normal”, não exigindo uma adaptação perante ao meio que vive.

Para Sampaio (2011, p. 17) “não é apenas um bom desenvolvimento cognitivo que implica uma boa aprendizagem. Fatores de ordem afetiva e social também influem de forma positiva ou negativa nesta aprendizagem”. A relação entre o educador e educando é uma troca de saberes e de experiências mútuas, tornando cada momento experienciado único para ambas as partes e demais pessoas que integram o corpo escolar dentro das instituições. Aos professores das disciplinas de Língua portuguesa e matemática, fizemos os seguintes questionamentos:

Qual ou quais dificuldades o aluno(a) com TOD apresenta relacionado a aprendizagem?

**(05) PLP:** As dificuldades que o aluno com TOD apresenta é na interpretação e compreensão do que lê.

**(06) PM:** Desmotivado e sempre confronta as instruções.

A sua metodologia e didática enquanto profissional tende a ser diferente com esse aluno(a)?

**(07) PLP:** Quanto a metodologia não é diferenciada aos demais alunos, somente o aluno precisa de um atendimento mais individualizado, realizei questionamento individual para que compreenda o que fazer e como fazer as atividades.

**(08) PM:** Sim com o convívio, quanto ao conteúdo não.

Tendo em vista que o aluno com o TOD na maioria das vezes costuma ter comportamentos hostis, desrespeitosos e agressivos, indagamos aos professores de Língua Portuguesa e de Matemática, como é o comportamento desse aluno tanto com o corpo docente quanto com seus colegas de classe?

**(09)PLP:** Quanto ao comportamento o aluno apresenta um comportamento desafiador, geralmente envolve-se em discussões com os colegas.

**(10) PM:** Fala agressiva e não respeita regras.

De acordo com as repostas dos professores entrevistados, observamos que existem convergências tanto nos sintomas quanto ao comportamento do aluno com TOD. Os apontamentos feitos pelos professores de Língua Portuguesa e Matemática, mostram que o Transtorno Opositor Disruptivo pode causar danos que se refletem nas atitudes de conduta e ensino-aprendizagem deste, sem contar nos prejuízos que ocorrerem nos aspectos sociais e cognitivos na vida das crianças ou adolescentes acometidos pelo mesmo. Pairando sobre a sociedade, dúvidas de como conseguir identificar os primeiros sinais na criança/ adolescente de que algo esteja errado.

Por ser um tema pouco conhecido nas escolas e na comunidade, paira sobre a sociedade dúvidas de como conseguir identificar os primeiros sinais na criança/ adolescente de que algo esteja errado.

A divulgação do TOD deveria ser feita de forma contínua para a comunidade em geral, para que conseguíssemos quebrar os paradigmas e utopias que permeiam sobre o Transtorno Opositor Disruptivo. Afinal, a nossa concepção a respeito da inclusão da criança ou adolescente com o Transtorno Opositor Disruptivo dentro dos contextos escolares, vão ao encontro ao pensamento de Freitas (2013, p. 17):

Desenvolver uma atitude inclusiva não significa apenas conduzir sujeitos para dentro de disciplinas e fronteiras acadêmicas. O que está em questão é enxergar o outro sem reduzi-lo as marcas de seu corpo, às mutilações que sofreu ou as ineficiências que seu organismo expõe quando comparado a outro.

Todos nós, enquanto seres humanos, e que estamos em constante transformação, devemos tanto transmitir quanto adquirir conhecimento e evolução durante nossa existência, e isso requer muito mais do profissional da área da Educação. A dedicação e aprimoramento se torna algo indispensável e primordial na vida de um docente enquanto instrumento receptor e transmissor do saber.

Em relação ao acompanhamento de um profissional especializado e preparação dos profissionais da educação diante dos alunos com o TOD, fizemos as seguintes perguntas as coordenadoras das instituições:

No seu ponto de vista, o TOD é bem conhecido pelos professores da instituição?

**(11) CO1:** Particularmente não, acredito que ainda ficamos no achismo e dúvidas, a informação é a básica.

**(12) CO2:** Sim.

Os professores costumam se aperfeiçoar e qualificar diante de tantos quadros de transtornos existentes nas escolas?

**(13) CO1:** Sempre que disponibilizados os cursos, os professores são muito receptivos. Mas as formações muitas vezes oferecidas são no período de aula e os professores não são liberados.

**(14) CO2:** Nem todos.

Baseadas nas perguntas feitas as coordenadoras das instituições, percebemos que o Transtorno Opositor Disruptivo é algo desconhecido dentro do contexto escolar em que a criança frequenta.

Para Bandura *et al* (2008), assim como a família, a escola também exerce um papel importante no desenvolvimento e tratamento desse aluno, colaborando para que haja a regressão do transtorno por meio da aprendizagem social.

O grupo escolar se torna uma “segunda família” dos alunos, ser professor é algo que vai muito além de ser apenas um transmissor de conhecimento, requerendo comprometimento, humanização, respeito e principalmente, possibilitar que essa criança se enxergue como o sujeito principal dentro da escola e não um mero objeto.

Em relação aos primeiros sintomas percebidos dentro do contexto familiar desse aluno, indagamos a entrevistada:

Quais foram os primeiros sintomas detectados no comportamento do seu filho(a) tanto na escola quanto em casa que levaram você a procurar ajuda médica?

**(15) MÃE:** Respondeu que em casa o filho era agressivo, que gritava, se enfurecia quando não faziam o que ele queria, que não obedece a ordens e que chegava ao ponto de bater nela e no pai, na creche o filho não interagia, era agressivo com as professoras e colegas. A professora chamou a mãe e avisou sobre os fatos ocorridos.

Como é o comportamento do seu filho(a) em casa e no seio familiar?

**(16) MÃE:** Ele é muito agitado com todos, os familiares não entendem o transtorno e acabam criticando ele sempre, gerando brigas familiares. Evito sair com ele de casa por causa do comportamento que ele tem, ele não tem amigos que vem em casa, só brinca com os colegas na escola.

Acerca disso, Teixeira (2017, p. 19) descreve algumas características e sintomas do TOD, “a perda frequente de paciência, discussões, atitudes desafiadoras com adultos, teimosia e agressividade, podendo aparecer em vários ambientes, mas sendo dentro da sala de aula e em casa notados com maior frequência”.

É muito importante que os pais estejam preparados para participarem juntamente com a criança durante o período de tratamento passando por terapias, buscando conhecer o transtorno e acompanhando as melhoras em todos os aspectos. Porque é justamente em seus pais e demais integrantes da família, que está criança buscará apoio que a ajudará a conviver melhor dentro de casa e nos demais ambientes sociais.

A busca por conhecimento constante sobre o transtorno por parte dos pais da criança, abrirá um leque com inúmeras possibilidades e flexibilidades mediante a condutas que a criança ou adolescente apresente em diferentes momentos e lugares.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando a família e os professores recebem atendimento, orientações de profissionais da saúde como psicólogo, psiquiatra e terapeutas, o conhecimento construído sobre estratégias de como melhor manejar o comportamento negativo é de grande valia em determinados momentos de rompantes de nervosismo em que a criança expressa em certas ocasiões.

Porém, quando não recebem este acompanhamento e orientação, as pessoas acabam perdendo o controle por não saber como proceder em determinadas situações. Essas orientações podem ser obtidas através de palestras, estudos em grupos, cursos de formação continuada, eventos e outros.

## REFERÊNCIAS

BALLONE, G. J. A família faz mal à Saúde? **Psiquweb Psiquiatria Geral**, 2002. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/gballone/familia/fazmal.html>. Acesso em: 11 set. 2019.

BANDURA, Albert; AZZI, Roberta; POLYDORO, Soely. **Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos**. Porto Alegre: Arumed, 2008.

FREITAS, M. C. de. **O aluno incluído na educação básica**: avaliação e permanência. São Paulo: Cortez, 2013.

CAMILO, Josilene Vasconcelos da Silva. Construção da matriz curricular na perspectiva da educação especial: um estudo em uma Escola Municipal de Educação Básica na cidade de Sinop, Mato Grosso. **Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 6, n. 4., ed. 17, p. 211-222, nov./dez. 2015. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/2030/1616>. Acesso em: 28 ago. 2020.

MOURA, C. **Será que conheço você?**: Jogos terapêuticos para pais e filhos. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2002.

SAMPAIO, S. **Dificuldades de aprendizagem**: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

TEIXEIRA, Gustavo. **O Reizinho da Casa**: Manual para Pais de Crianças Positivas, Desafiadoras e Desobedientes. Rio de Janeiro: Best Seller. 2014.

TEIXEIRA, Gustavo. **O Reizinho da Casa**: Manual para Pais de Crianças Positivas, Desafiadoras e Desobedientes. 7. ed. Rio de Janeiro: Best Seller. 2017.

*Revista Even. Pedagog.*

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade  
Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 287-297, ago./dez. 2020

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.